

INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL SOBRE NATUREZA E ANIMAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONCEPÇÃO ÉTICA BIOFÍLICA E DE HOMEOSTASE PLANETÁRIA

INFLUENCE OF CHILDREN'S LITERATURE ON NATURE AND ANIMALS FOR THE DEVELOPMENT OF AN ETHICAL CONCEPTION OF BIOPHILIA AND PLANETARY HOMEOSTASIS

INFLUENCIA DE LA LITERATURA INFANTIL SOBRE LA NATURALEZA Y LOS ANIMALES PARA EL DESARROLLO DE UNA CONCEPCIÓN ÉTICA BIOFÍLICA Y DE LA HOMEOSTASIS PLANETARIA

Barbara Goloubeff¹

Submetido em: 27/04/2023

Aceito em: 03/07/2023

Resumo: Como premissa metodológica, se optou por avaliar, através da autoescuta, pela simples lembrança, entre as centenas de livros lidos desde a infância até parte da adolescência, aqueles que causaram memorável impacto e direcionaram a vida adulta no quesito animalismo e ambientalismo. É a infância o período que a criança aproveita para aprender se divertindo, transformando a leitura numa imensa aventura. Claro, na condição de ter pais e mestres que lhe apresentem a leitura como algo prazeroso, que a transporta para outros mundos e dimensões, facultando um conhecimento que será incorporado e servirá de baliza e aferição de rumos, na vida adulta. Neste trabalho o enfoque proposto é fruto de uma postura ética atual, baseada no raciocínio ecológico-moral – a biofilia. Sendo assim, são feitos breves comentários sobre múltiplos clássicos infantis de diversas partes do mundo, lidos na infância. Lembranças que ora aquecem a alma ora entristecem, por vezes trazem à tona atitudes comprometedoras da humanidade, em outras oferecem valiosos exemplos de compaixão pela vida. Ao final, elaboramos aqui uma releitura de passagens de diversas obras de grandes filósofos da Natureza, em particular Monteiro Lobato, Henry Thoreau, John Muir, Mikhail Prishvin e Edward Wilson. Esses autores compartilham um sentimento extremamente relevante com relação à natureza, citando: amabilidade, amor, cuidado parental, afiliação. Apesar de cada um utilizar um termo específico, o estudo etimológico dessas palavras permite ver um único e mesmo sentido nestas palavras, aparentemente diversas entre si. De origem latina, essas palavras têm ascendência em raízes indoeuropéias que remontam ao início da nossa humanidade: voz infantil para chamar a mãe/dar carícias de mãe/parir/mamar, amamentar. E estas origens indicam uma única fonte deste sentimento multifacetado, na palavra Mãe e nos cuidados maternos. É possível recordar

¹ Possui graduação (1980) e mestrado (1987), ambos em Medicina Veterinária, e doutorado em Ciência Animal, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2006). Atualmente leciona Metodologia Científica na UNIPAZ-MG. Coordena cursos de pós-graduação em Homeopatia e Acupuntura Veterinárias, inclusive orientação de monografias de conclusão destas. Conferências e palestras versando sobre gastroenterologia equina, terapêuticas alternativas/complementares e bem-estar animal. Médica veterinária militar da Polícia Militar de Minas Gerais (1988-2007), professora da Universidade de Alfenas (1985-1988), professora adjunto III da Pontifícia Universidade Católica Betim (2007).

que em muitas línguas modernas, o planeta Terra é referido no feminino e recebe o título de Mãe-Terra, geradora de vida e nutriz. Entretanto, na palavra amabilidade está também embutido um alerta, o amor precisa ser merecido. E atualmente esta maternidade não está sendo reverenciada.

Palavras-chave: literatura infantil, animalismo, ambientalismo, biosfera, noosfera.

Abstract: As a methodological premise, it was decided to evaluate, through self-hearing, by simple memory, among the hundreds of books read from childhood to part of adolescence, those that made a memorable impact and directed adulthood in the question of animal conservation and environmentalism. Childhood is the period that the child takes advantage to learn by having fun, transforming reading into an immense adventure. Of course, on the condition of having parents and teachers who present the reading to you as something pleasurable, that transports the child to other worlds and dimensions, providing a knowledge that will be incorporated and will serve as a beacon and measurement of directions in adulthood. In this work the proposed approach is the result of a current ethical posture, based on ecological-moral reasoning – biophilia. Thus, brief comments are made on multiple children's classics from various parts of the world, read in childhood. Memories that sometimes warm the soul, sometimes are sad, sometimes bring out compromising attitudes of humanity, in others offers valuable examples of compassion for life. In the end, readings of adolescence by great philosophers of Nature, in particular Monteiro Lobato, Henry Thoreau, John Muir, Mikhail Prishvin and Edward Wilson. At this moment, a rereading of passages of various works is made. These authors share an extremely relevant feeling about nature, citing: kindness/amiability (amabilidade), love/amorous (amor), parental care (cuidado parental), affiliation (afiliação) Although each one uses a specific term, the etymological study of these words allows us to see a single and same meaning in these words, apparently different from each other. Of Latin origin, these words have ancestry in Indo-European roots that date back to the beginning of our humanity: childish voice to call the mother/ mothers' caress /give birth/breastfeed. And these origins indicate a single source of this multifaceted feeling, in the word Mother and in maternal care. It is possible to recall that in many modern languages, the planet Earth is referred to in the feminine and receives the title of Mother Earth, life generator and nourisher. However, in the word kindness/amiability is also embedded an alert, love needs to be deserved. And currently this motherhood is not being revered.

Keywords: children's literature, animal conservation, environmentalism, biosphere, noosphere.

Resumen: Como premisa metodologica se decidió evaluar, a través de la autoescucha, por simple memoria, entre los cientos de libros leídos desde la niñez hasta parte de la adolescencia, aquellos que causaron un impacto memorable y orientaron la vida adulta en términos de animalismo y ambientalismo. La infancia es el período que los niños aprovechan para aprender mientras se divierten, convirtiendo la lectura en una inmensa aventura. Eso sí, con la condición de que tenga padres y maestros que le presenten la lectura como algo placentero, que la transporte a otros mundos y dimensiones, brindándole conocimientos que serán incorporados y le servirán de faro y medida de rumbos, en la vida adulta. . En este trabajo, el enfoque propuesto es el resultado de una postura ética actual, basada en un razonamiento ecológico-moral – biofilia. Por ello, se hacen breves comentarios sobre múltiples clásicos infantiles de distintas partes del mundo, leídos en la infancia. Recuerdos que o calientan el alma o entristecen, a veces traen a colación actitudes de humanidad comprometida, en otras ofrecen valiosos ejemplos de compasión por la vida. Al final, elaboramos aquí una relectura de pasajes de varias obras de grandes filósofos de la Naturaleza, en particular Monteiro Lobato, Henry Thoreau, John Muir, Mikhail Prishvin y Edward Wilson. Estos autores comparten un sentimiento sumamente relevante respecto a la naturaleza, citando: la bondad, el amor, el cuidado de los padres, la filiación. Aunque cada uno utiliza un término específico, el estudio etimológico de estas palabras nos permite ver un mismo significado en estas palabras, aparentemente diferentes entre sí. De origen latino, estas palabras tienen ascendencia en raíces indoeuropeas que se remontan a los inicios de nuestra humanidad: voz de niño para llamar a la madre/dar caricias a la madre/dar a luz/amamantar, amamantar. Y estos orígenes indican una fuente única de este

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

sentimiento multifacético, en la palabra Madre y en el cuidado materno. Es posible recordar que, en muchos idiomas modernos, el planeta Tierra es referido en femenino y recibe el título de Madre Tierra, generadora y nutridora de vida. Sin embargo, en la palabra amabilidad también hay una alerta, el amor necesita ser merecido. Y actualmente esta maternidad no está siendo reverenciada.

Palabras clave: literatura infantil, animalismo, ambientalismo, biosfera, noosfera.

INTRODUÇÃO:

Surgiu uma ideia, tornada numa premissa metodológica. Avaliar, através da autoescuta, revistando as próprias memórias, entre as centenas de livros lidos desde a infância até parte da adolescência, aqueles que causaram memorável impacto e direcionaram a vida adulta no quesito animalismo e ambientalismo. Um ensaio autobiográfico, talvez. Em seguida, apresentar aspectos científicos pouco conhecidos no ocidente que, por consequência direta, influenciaram a vida profissional na área da saúde.

Neste trabalho o enfoque proposto é fruto de uma postura ética atual, baseada no raciocínio ecológico-moral – a biofilia (Wilson, 1984).

Uma forma de raciocínio que alarga o escopo do domínio tradicional da moralidade. Num futuro bastante próximo, a ética da conservação (i.e., proteger e respeitar o ambiente) será facilmente mencionada ao lado das éticas mais tradicionais da justiça, do cuidado e da virtude. (Lourengo e Kahn, 2000).

Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. É uma visão do mundo que reconhece o valor intrínseco da vida não humana. Quando essa percepção ecológica profunda se torna parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema ético radicalmente novo (Capra, 1999).

De acordo com Boff (2005), o bem-estar não pode ser apenas social, mas tem de ser também sociocósmico, atendendo aos demais seres da natureza, em oposição ao antropocentrismo, que considera que os outros seres apenas têm sentido quando ordenados ao ser humano. No primeiro caso, todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia intrincadíssima de relações, todas elas importantes. O autor propõe uma definição mais atual de ecologia, que seria “a relação que todos os seres, vivos e inertes, naturais e culturais, têm entre si e com o seu meio ambiente”.

Aparentemente, durante o seu processo civilizatório, o ser humano perdeu o contato com a natureza (Schweitzer, 1987 citado por Linzey, 1991; Bacon, (1857/1984) citado por Capra, 1988) e os animais e tomou deles a liberdade e o respeito (Bentham, 1789; Singer, 2004), traduzido no reconhecimento da senciência (Brügger, 2004; Singer, 2004; Regan, 2006).

Foi uma infância pouco usual. Começou cedo na senda literária, alfabetizada em dois idiomas concomitante e posteriormente manejando mais outros. Teve acesso ao que houve de melhor da literatura infantil, inclusive obras clássicas de proteção animalista e ambientalista dos séculos 19 e 20.

Os pais investiram na educação. Todos os cômodos da casa tinham estantes de livros: clássicos, ficção científica ou romances, enciclopédias e dicionários. A Biblioteca Pública complementava, porém logo o setor infanto-juvenil não tinha mais novidades. Numa ação rara, as bibliotecárias obtiveram autorização para empréstimos na parte dos adultos.

Nos aniversários, os melhores presentes eram os livros! Um deles, *Beleza Negra*, causou tamanho impacto na psiquê da criança, que adoeceu de tanto desgosto com o sofrimento do cavalo, precisando o livro sumir

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

e reaparecer magicamente quase um ano depois, após longas conversas com a mãe. Não foi à toa que Anna Sewell (1877) causou comoção no público inglês e desencadeou discussões no Parlamento britânico que culminaram nas primeiras leis de proteção aos cavalos.

A potra *Flika* foi mais feliz (O'Hara, 1941). As *Memórias De Um Burro*, da Condessa de Segur (1860), apesar do antropomorfismo, ensinam muito sobre a gentileza com os animais. Felix Salten (1923; 1933) com duas das suas obras clássicas, marcou terrivelmente. O diálogo do Pai com seu filho *Bambi*, faz chorar até hoje. E *Florian, o cavalo do imperador*, conta a saga dos cavalos que se tornaram inúteis, com o advento dos veículos automotores. Prenúncio de todo o sofrimento dos cavalos de tração, testemunhados diariamente na prática clínica.

As desventuras do cão *Bim Branco da Orelha Preta*, que apresenta para as crianças a diversidade das maldades humanas em toda a sua torpeza e pequenez, trazem tristeza e revolta. Será que o gênero humano tem cura? (Troyepolsky, 1971). Em compensação, o *Jornal da Floresta*, trouxe muitas alegrias. A obra, uma verdadeira enciclopédia, com uma forma literária original, com técnicas de jornal tais como telegrama, crônica, anúncio ou folhetim e um calendário de vida florestal para cada mês, contava os ciclos e as peripécias desde os menores seres até os grandes ursos e lobos (Bianki, 1958).

E tem aquele caso do velho senhor, que passa quase o ano todo tentando ensinar a gralha a falar – “Quer mingau, bobinho?” – sem sucesso. E no profundo inverno, a cabana soterrada de neve, e ele quase morto de fome, sem suprimentos, é acordado por batidas na janela. Abre, é a gralha amiga, que de forma muito clara, lhe pergunta: “Quer mingau, bobinho?” É a *Gralha Falante*, conto de Prishvin (1968), que estudou e descreveu a unidade e a beleza singular da natureza em sua relação com o homem.

Alguns escrevem contos ficcionais sobre animais. Chukovsky (1925), no seu clássico poema *Doutor Aidói* [Doctor Aybolit] conta como o bondoso doutor trata animais da casa e da floresta e como recebe um chamado para atravessar meio mundo para tratar o pequeno “hipopó” no longínquo rio Limpopó. Rudyard Kipling (1902) por sua vez, contava aos filhos histórias na hora de dormir. Algumas são engraçadas, como o que explica que o crocodilo puxou o elefantinho pelo nariz, e puxou, até ele ficar com uma grande tromba! Ou o valente mangusto Rikki Tikki Tavi que lutou com uma naja, para salvar uma criança. Destes, o conto preferido foi sobre *A Gata Que Vagueia Sozinha*. Mesmo sendo pequena, a criança percebeu a mensagem subliminar do conto. Pois o Homem Selvagem domesticou o Cão, o Cavalo e a Vaca, mas foi a Mulher Selvagem que domesticou a Gata. E por este motivo, todos os Homens Verdadeiros herdaram o direito de atirar nos gatos qualquer objeto à mão. O conto esconde diversos -ismos e preconceitos, tão arraigados ainda na nossa incipiente humanidade... E as nossas crianças continuam a atirar “o pau no gato-to-to...” com a convivência da sociedade. Não à toa, esse grande escritor e poeta britânico, é também responsável pelo *O Livro da Selva*, fascinante. E cruel e cru na sua narrativa (Kipling, 1894). O desenho animado pasteurizou Mowgli e o tornou palatável. E claro, muito simpático.

Os contos baseados em fatos reais têm grande apelo. Como a coletânea de contos de Vera Chaplina (1937; 1947), sobre animais selvagens em zoológico, *Os meus protegidos* e *Amigos de quatro patas*. Responsável pelo setor dos grandes carnívoros, desenvolveu um método de criação de animais saudáveis e fortes, conhecido como parque infantil, onde filhotes das mais diversas espécies aprendiam a conviver pacificamente uns com os outros. As peripécias destes filhotes foram fonte inesgotável de alegrias. A pequena leoa órfã Kinuli², abandonada pela mãe no parto, teria uma sentença de morte inapelável, se Vera não a tivesse levado para casa e cuidado até uma idade quase adulta. E o assaltante, que um dia entrou no apartamento e foi encontrado no alto do armário, se entregou alegremente à polícia. Estes contos rodaram o mundo, traduzidos em diversas línguas e Kinuli até virou filme.

Elsa, outra leoa, marcou época. No Quênia, tendo perdido a mãe, foi criada por George Adamson, guarda florestal e sua esposa. Joy Adamson³ foi naturalista, escritora e artista científica, imortalizando em

² V, participio passado: jogada fora, largada, abandonada.

³ Durante sua vida, Joy Adamson criou mais de 500 aquarelas e desenhos em preto e branco. Seu trabalho incluiu retratos de populações nativas encomendados pelo governo do Quênia, bem como ilustrações botânicas para pelo menos sete livros sobre a flora da África Oriental. Ela também fez pinturas de animais, entre eles estudos de Elsa e Pippa. A coletânea é exposta na Galeria

aquarelas a vida vegetal da África Oriental. O esforço conservador despendido pelo casal foi imenso, pois não apenas salvaram a vida da leoa Elsa, como lhe ensinaram a caçar e a devolveram à natureza. Com três anos de vida, Elsa apareceu para lhes apresentar seus próprios filhotes, com os quais eles cuidadosamente evitaram ter contatos. Elsa foi o primeiro animal a ser reintroduzido no habitat natural com sucesso e ter procriado. O livro *Nascida Livre* e os volumes subsequentes (Adamson, 1960; 1961a; 1961b; 1962) rodaram o mundo e viraram filme premiado. A trilha sonora é simples e melódica. Ao término da leitura, muito cativante, fica a indagação de como foi que a humanidade ousou perder o paraíso. Joy Adamson (1969; 1970) também descreveu o esforço conservacionista das cheetahs, imortalizadas nas aventuras de *Pippa e seus filhotes*.

Amor pela Natureza

O amor pela Natureza foi o fio condutor dos grandes clássicos. Desde as descrições do James F. Cooper (1823 a 1841) no *Velho Oeste* (como *O Último dos Moicanos*) até Ernest T. Setton (1903; 1927), grande naturalista e escritor de vida selvagem. Em *Os Pequenos Índios*, crianças de férias numa fazenda, descobrem a vida da floresta, de forma lúdica e muito pedagógica, tutorados pelo velho peão Caleb. Na biografia do *Velho Grizzly Prateado* se dissecam os maus-tratos infligidos aos animais selvagens e ao meio-ambiente. Pobre velho urso...

Mark Twain, conhecido escritor americano, foi um dos precursores do ambientalismo americano, sendo anti-vivisseccionista, por motivos éticos e crítico do racismo. Descreve a natureza de forma poética em *As Aventuras de Huckleberry Finn*, com sua balsa no rio Mississipi (Twain, 1884). Porém, é nos seus contos sobre animais que transparece toda sua verve, e se lamenta que tantos casos terminem de forma triste, talvez uma pedagogia do tempo das fábulas, quem sabe? Já adulta, a criança chegou a pensar se não corria risco de viver as desventuras do pobre doutor, que atendeu ao *Poodle Grato*, tão grato pelo atendimento misericordioso da sua pata quebrada, que no dia seguinte, trouxe-lhe outro paciente e assim sucessivamente, numa crescente geométrica, até morrer de hidrofobia, com o quintal lotado de centenas de cães, todos muito gratos... (Twain, 1878).

Um dia, estando no Serviço Público, ao chegar pela manhã, encontrou um imenso cão Fila Brasileiro amarrado a um poste. Indagados, os enfermeiros contaram que o cão entrou sozinho, mancando fortemente e sentou, aguardando atendimento. Prenderam-no por precaução. Permitiu fazer a radiografia, tinha um pequeno projétil alojado nos ossos. Foi medicado sem protestos e finalmente adotado por alguém da enfermaria.

A literatura ambientalista infantil brasileira é escassa, porém Francisco de Barros Jr. (1951; 1963a; 1963b; 1964) naturalista, escritor e caçador, descreveu com grande amor pela Natureza, as aventuras de três garotos nos rios Tietê, Paraná, Paraguai e Aquidauana, quando o primeiro ainda era navegável e puro. Infelizmente o autor acreditava que as reservas vegetais e animais brasileiras eram ilimitadas e nunca acabariam.

O *Cachorrinho Samba*, se perde na cidade grande, mas também faz outras estripulias na fazenda, na floresta, e até em outros Estados e países, pela pena de Maria J. Dupré (1949; 1950; 1957; 1962; 1963; 1966), quando escreveu para seus netos.

E o grande Monteiro Lobato, nacionalista e apaixonado pelo Brasil, descreveu as paisagens locais, entremeio às travessuras das crianças e aos personagens do folclore brasileiro, na sua famosa série do *Sítio Do Pica-Pau Amarelo* (Lobato, 1920 a 1947). Todos os volumes devidamente saboreados!

Mais tarde, chega Henry D. Thoreau (1849; 1854), com *Walden* e sua proposta de *Desobediência Civil* e

Joy Adamson do Museu Nacional de Nairóbi. Ela usou os lucros de seus livros para viajar pelo mundo e falar sobre as provações do mundo natural da África, e estabeleceu fundos para apoiar organizações de preservação, como o World Wildlife Fund e o Elsa Wild Animal Appeal. É considerada co-fundadora do WWF. Adamson também foi uma das primeiras ativistas do movimento de boicote a roupas feitas de peles de animais. Ela, como muitos outros protetores da vida selvagem, foi morta enquanto ajudava seus amigos da savana africana.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

abolicionismo. Este grande filósofo americano pressentiu as preocupações e os afazeres da ecologia e do ambientalismo. E John Muir, preservacionista, filósofo e cientista, advogou pelas belezas naturais e conseguiu convencer os governantes da época a preservar o Yosemite Valley, o Sequoia National Park e muitas outras áreas selvagens (Wolfe, 1938), frustrando a ação de madeireiros.

Em *Inundação*, como é belo ler um texto assim:

A inundação primaveril estava a todo vapor. O rio se derramou ao redor, inundou campos, pântanos e até a floresta costeira. Entre este mar de água, como se fossem ilhas, escureciam colinas, cobertas de arbustos e uma mata baixa de carvalhos desajeitados. O sol estava brilhando. Gaivotas circulavam sobre a água, e ocasionalmente, atravessavam patos. Estendendo seus pescoços longos e batendo rapidamente suas asas, eles voavam para as margens de águas quietas e tranquilas. (Skrebitskiy, 1948, p. 54).

Ou, na *Onda Verde*, descrevendo o avanço do café em terras paulistas:

A região era todo um mataréu virgem de majestosa beleza. Rasgara-o a facão o bandeirante antigo, por meio de picadas; o bandeirante moderno, machado ao ombro e facho incendiário na mão, vinha agora não penetrá-lo, mas destruí-lo. Almas fechadas ao contemplativismo, nunca lhes amolentou o pulso a beleza augusta dos jequitibás de frondes sussurrantes como o oceano, nem o vulto grave das perobeiras milenárias. Sua ambição feroz preferia a beleza da desordem natural à beleza alinhada da árvore que dá ouro. Só esta forma de beleza tem amávios capazes de enlevar a alma fria do paulista. Para ver estadeada ante os olhos a sua beleza – coisa nova no mundo e criação genuinamente local –, derrubou, roçou e queimou a maravilhosa vestimenta verde do oásis. Desfez em decênios a obra-prima que a natureza vinha compondo desde a infância da Terra. (Lobato, 1922a, p. 16).

E é belo não apenas porque as pessoas têm lembrado cada vez mais que além de vários e cobiçados objetos e outras carências, na maior parte das vezes completamente inúteis, existem valores de existência terrena tais como brisa desimpedida, água limpa, grama verde, animais livres, o voo de pássaros...

Assim como Mark Twain, Monteiro Lobato escreveu em defesa da natureza e dos animais, em textos cáusticos e plenos de compaixão e amor, como em *Homo sapiens*:

Quando o homem abdicar – ou for deposto – da terrena realeza, que usurpa, e em seu poleiro o plebiscito livre de todos os seres vivos entronizar o boi, a foca ou o abutre, a vida do globo ganhará imenso em amabilidade. Amabilidade é o caráter do que é digno de ser amado – e a vida na Terra, sob a regência do homem, positivamente não o é. Entronizado que seja um desses animais – o boi, vá lá! –, há de tudo ressentir-se de imediata melhoria.

Os bois não falam, nem escrevem, de onde resulta impossível conhecerem-se de antemão os pontos básicos da Magna Carta bovina; entretanto, dadas as excelentes qualidades de caráter e coração reveladas por eles até aqui, é lógico prever que a realeza de guampas será infinitamente mais gentil que a dura realeza humana. Quantas instituições, hoje meros sonhos de ideólogos, só então as teremos! Uma delas é facilmente previsível: a Sociedade Protetora das Crianças. Porque não há maiores vítimas da crueldade e da incompreensão do rei atual do que estes débeis sereizinhos de carne tenra. Sobre tudo as crianças pobres... (Lobato, 1922b, p. 47).

Este amor pela natureza permeia a obra de todos os autores, de forma implícita ou explícita. Lobato (1922b) define este amor como amabilidade ao se referir à vida na Terra: “Amabilidade é o caráter do que é digno de ser amado”. John Muir cita em seus diários: “Existe um amor pela natureza selvagem em todos, um remoto amor materno, mostrando-se reconhecido ou não e, no entanto, coberto por cuidados e deveres” (Wolfe, 1938, p. 313). Thoreau (1854) afirma “É preciso amar o selvagem, assim como o bem”. Prishvin desenvolve a ideia aos poucos em seus *Diários* e afirma que precisa haver uma relação de parentesco com a Natureza, percebendo uma proximidade “sanguínea” de todos os seres vivos na Terra (Prishvin, 1999). Wilson (1984), autor do conceito original de *Biofilia*, afirma categoricamente e faz-lhe eco:

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Eu discuto (...) que nós somos humanos em boa parte devido à forma particular com que nos afiliamos com os outros organismos. Eles são a matriz na qual a mente humana se origina e está permanentemente enraizada, e eles oferecem o desafio e a liberdade buscados de forma inata (Wilson (1984, p. 139).

Prishvin

Mikhail Mikhailovich Prichvin nasceu em 1873 no Império Russo e faleceu em 1954, aos 80 anos, na então União Soviética. Formou em Agronomia (1902) pela Universidade de Leipzig (Alemanha) aonde trabalhou no laboratório de Wilhelm Friedrich Ostwald, professor de físico-química e futuro Prêmio Nobel. Retornando, trabalhou como agrônomo, em grandes propriedades rurais e publicou livros na área. Trabalhou como jornalista durante a Primeira Guerra Mundial. Após a coletivização, perdeu sua pequena propriedade rural e passou a trabalhar como professor primário e bibliotecário (Petchko, 1962).

Sua atividade literária começou em 1906, quando lançou seu primeiro conto, no qual aborda o tema com o qual se comprometerá por toda a vida: a beleza única da natureza e do ser humano. A fascinação pela etnografia e o folclore o levou à decisão de viajar pelo Norte Europeu, e posteriormente por toda a Rússia, buscando lugares inacessíveis e de natureza intocada. Tornou-se exímio fotógrafo, procurando ilustrar o seu modo de ver a natureza. Ele glorificava a natureza mediante uma combinação perfeita e flexível de palavras simples que tornavam a descrição quase que fisicamente palpável (Prokhorova, 1989).

O nascimento e a formação da atenção relacionada na filosofia artística de Prishvin foi facilitado pelo modo de vida do escritor. Ele nasceu e cresceu em uma pequena propriedade na fértil província de Oryol. E, sabiamente, ele viveu fora das cidades: em diversas aldeias e numa estação biológica (Katchalova, 2020). Apenas nos últimos anos, o autor viveu próximo à capital, quando adoeceu com câncer.

A amizade com o escritor Maxim Gorki, por parte deste, se deve ao fato de que o Gorki sentiu de forma muito precisa o seu assombro reverente à “mãe-terra”, seu relacionamento quase místico com a terra (Borissova, 2009, p. 99; Logvinenko, 2011).

Sem dúvidas, era uma pessoa bem informado dos avanços científicos da sua época, que deviam subsidiar sua abordagem filosófica da natureza. Na virada do século 19 para o 20 a Rússia produziu uma plêiade de grandes cientistas, de renome internacional, como o Mendeleev (1834-1907), químico criador da tabela periódica. O conhecimento produzido se encontra tão bem assimilado pela ciência, que muitos utilizam os conceitos sem nem conhecer a origem. Estes cientistas publicavam nas mais conceituadas revistas técnicas europeias e proferiam palestras nas mais prestigiadas universidades.

Para ficar em apenas um exemplo, Prishvin foi contemporâneo de Vladimir Vernadsky (1863 – 1945) biogeoquímico e filósofo, que desenvolveu os fundamentos do conceito de biosfera.

Portanto, “parece extremamente relevante, em nossa opinião, o estudo de conceitos na obra de Prishvin, cujos trabalhos os pesquisadores chamam de “filosofia artística”, “prosa filosófica e lírica”, “o mundo das ideias artísticas e filosóficas”, “neossincretismo artístico e filosófico do pensamento” (Logvinenko, 2011).

Os *Diários* do Prishvin revelam a formação e o desenvolvimento do pensamento da imagem de “atenção ao parente”, estabelecida e entranhada em toda a sua herança como um dos “ditames” estéticos, filosóficos e éticos (Prishvin, 2007, 1991, 1994, 1995, 1999, 2003, 2004, 2006, 2009, 2010).

Essa atenção se manifesta claramente em paisagens subjetivas, nas quais a natureza, graças à compreensão do autor, “em si” torna-se um ser. Seria um princípio de “participação cordial em tudo que vive”, seja voltado para fenômenos naturais desapercibidos, seja em “face a um grande maciço terrestre ” (Katchalova, 2020).

Liev Tolstói também escreveu sobre essa especificidade da literatura no tratado sobre a arte: “a ciência ajuda as pessoas a perceber verdades vitais, enquanto que a arte traduz essas verdades no campo dos sentimentos” (Tolstói, p. 186). Tolstói afirmou que “a arte também pode causar reverência à dignidade de cada pessoa, pela vida de cada animal” (Tolstói, pp. 194-195).

A atenção na literatura ao sentimento de parentesco universal na Terra, é claro, foi significativamente

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

influenciada pelo desenvolvimento ativo da ciência natural. O autor desenha em detalhes a convivência com a comunidade natural, na qual o trabalho da formiga e da abelha, a preocupação dos pássaros com os filhotes - tudo é importante, então "apenas por decência eu me comporto silenciosamente na floresta" (Prishvin, 2009, p. 615). Esse respeito pelo vizinho no planeta é um passo eficaz em dominar a arte da atenção ao parentesco. A natureza é uma fonte inesgotável não só da nutrição, mas também da força espiritual, um marco de valores. (Katchalova, 2020).

Prishvin sabia por experiência própria que a natureza sempre influenciou a vida física e espiritual do homem: sem água e comida, sem ar e calor solar, portanto, sem a natureza, é impossível a existência na Terra. Portanto, cuidar do mundo ao nosso redor deve se tornar uma das principais tarefas da sociedade moderna.

As origens da atenção ao parentesco podem ser detectadas já no primeiro diário (1905-1913), no qual o autor (Prishvin, 2007) escreve sobre o amor abrangente pelo mundo: "Quando uma pessoa ama, penetra na essência do mundo". Neste fragmento, o amor é entendido ontologicamente: como um senso de união de uma pessoa com tudo o que existe (Katchalova, 2020).

Prishvin esclarece reflexões abstratas com observações específicas da natureza, que são difíceis de conciliar com atitudes habituais humanas: "Vejo a borda das roupas verdes do mundo" (Prishvin, 2007, p.159). "Ouço a respiração de uma campânula violeta" - o escritor expressa sua participação no grande todo através do amor por um personagem específico da natureza. "E através do meu amor pela campânula estou conectado com todo o grande mundo" (Prishvin, 2007, p. 162).

Deve-se enfatizar que a essência única do universo, o substrato do sistema filosófico e estético de Prishvin se manifesta na combinação de duas tendências opostas (Frolova, 2012): "O mar amarelo da estepe, as montanhas da estepe, como gestos de ondas petrificadas e punidas" (*Zavoroshka*⁴); "Nós passamos... através do desfiladeiro... há apenas uma vasta extensão de rochas, um oceano petrificado silencioso" (*Em busca do Kolobok Mágico*⁵); "Longe, como o mar, essa terra se estende, tudo dividido em pequenas faixas, com grandes ilhas de fazendas" (*Corrente do Kashtchey*⁶); "Uma melodia soa na alma, e em vez de palavras, todo o céu azul responde a mim, e uma nuvem quente flutua novamente nesta inundação brilhante" (*Calendário da Natureza*); "Acima da terra se derramou um mar celestial de ondas cor de framboesa" (*Corrente do Kashtchey*).

Outra oposição é composta pelos aspectos cósmicos e históricos. Planeta-Terra na imagem linguística do mundo de Prishvin é uma nave movendo-se para o universo aberto (Frolova, 2012): "E tornou-se para mim que eu estava viajando, e minha nave é o planeta Terra. [...] Fomos todos criados na consciência da vida no plano e na imobilidade, não levando em conta em nossa vida comum o voo vertiginoso do nosso planeta" (*Corrente do Kashtchey*).

Os componentes simbólicos são uma característica puramente individual do quadro linguístico do mundo de Prishvin, como um escritor cujo trabalho foi muito influenciado pela filosofia do cosmismo⁷. Para Vernadsky, a principal conexão de uma pessoa com uma vida inteira é uma inclusão de parentesco na série evolutiva sucessivamente desdobrada de formas vivas e uma

⁴ Confusão, complicação repentina. In: <https://dic.academic.ru/dic.nsf/ushakov/802810>

⁵ Kolobok é um personagem dos contos folclóricos eslavos orientais, retratado na forma de pão de trigo esférico, que escapou de seus avós, de vários animais (lebre, lobo e urso), mas foi comida por uma esperta raposa.

⁶ Kashtchey Imortal é um personagem da mitologia e folclore eslavos oriental (especialmente em contos de fadas). Um rei ou feiticeiro malvado, cuja morte está escondida em vários animais e objetos mágicos aninhados. Às vezes aparece em um cavalo mágico falante. Muitas vezes age como o sequestrador da noiva do protagonista. É retratado na forma de um velho magro ou um esqueleto vivo. Em A. S. Pushkin aparece avaro e mesquinho ("Lá Tsar Kashtchey sobre o ouro definha").

⁷ Cosmismo russo: Do grego κόσμος - mundo organizado, kosma - decoração - o conceito dos filósofos russos Vladimir Solovyov, Nikolai Fedorov, Vladimir Vernadsky e outros, afirmando que a natureza será salva da destruição pelo fato de a humanidade, com a ajuda da ciência, criar um novo cosmos e ganhar a imortalidade. No âmbito do cosmismo russo foram, pela primeira vez, formulados os requisitos para a unidade do conhecimento científico, técnico e filosófico, a necessidade de um estudo abrangente do homem e de suas capacidades não descobertas e a harmonização das relações entre a sociedade e a natureza. [Dicionário explicativo de termos de ciências sociais. N.E. Yatsenko, 1999]. In: https://www.slovamik.ru/html_tsot/r/russkiy-kosmizm.html

cadeia de gerações humanas (Frolova, 2012). A compreensão do ar como uma esfera viva de existência e materialização de pensamentos e sentimentos é uma das características mais brilhantes de Prishvin, intimamente ligada às visões do cosmismo científico da primeira metade do século XX e à concepção da noosfera de Vernadsky (Frolova, 2012).

Em 1918, Prishvin fala de "atenção amorosa ao mundo", que ajuda o indivíduo a sobreviver às tragédias e dramas do destino (Prishvin, 1994 p. 164). Dois anos depois, o escritor admite um sentimento de profundo apego à luz primaveril, aos primeiros fluxos de água derretida e à terra libertada da neve, à floresta desvestida, na qual "cada árvore se destaca vitalmente" (Prishvin, 1995, pp. 22-23). O amor permite notar no enorme todo cada participante da vida. Este fragmento mostra que um interesse aguçado pela natureza não é apenas uma atitude contemplativa, mas também forma as crenças estéticas do mestre da palavra. Observações no ambiente natural se desenvolvem no conceito de "amor distintivo", que então também se torna uma das regras artísticas de Prishvin, que é capaz de considerar a individualidade em todos os lugares, tanto em vastas extensões quanto em um pequeno pedaço de sua terra natal. Personificando seres naturais, o autor, de fato, entra em um diálogo criativo ativo com o mundo inteiro (Katchalova, 2020). O amor a um ser próximo da natureza se funde com a capacidade de entendê-la.

Em 1926, Prishvin lança *Nascentes de Berendey*, um livro de ensaios e contos sobre o início da primavera na região de Moscou, no qual, está presente o tema da relação de parentesco do homem com a natureza (Prishvin, 1983). Plantas e animais aparecem como protótipos de pessoas. A ideia da essência criativa do mundo natural se desenvolve.

O conceito de atenção ao parentesco foi desenvolvido em várias direções. As principais são: 1) uma consequência da origem natural do homem da natureza; 2) ditames éticos, recomendação do comportamento individual na sociedade, no mundo; 3) o princípio estético que determina a natureza e a qualidade da pintura do ambiente natural. Na primeira direção, a atenção ao parentesco atua como uma manifestação da intimidade "sanguínea" do homem e do ser natural (Katchalova, 2020).

Refletindo sobre a origem do homem e sua posição entre outras criaturas, Prishvin muitas vezes demonstra um compromisso com as teorias da ciência natural da evolução da vida na Terra. O escritor observa especialmente em uma pessoa o poder da mente - uma qualidade que determina a "antiguidade" na cadeia de organismos. Essa vantagem, segundo o autor, obriga a tratar os "irmãos menores" com cuidado, e não como um "predador-escravizador" - em tais fragmentos são lidos apelos ecológicos. É importante cultivar a capacidade de "se alegrar em todos os seres vivos" (Prishvin, 2016, p. 230). Caso contrário, como Prishvin mostra (principalmente em paisagens com motivos sociais), uma pessoa perde sua superioridade. O parentesco é afirmado de forma ética e ambiental (Katchalova, 2020).

O simbolismo do parentesco em Prishvin é frequentemente representado por termos relacionados à água: riacho, leito de um rio, correnteza, oceano: "todos os riachinhos musgosos das nacionalidades ... entram em um leito amplo de todo o fluxo humano", "todos superam sua nação e nadam para fora dela, de seu córrego, para o oceano" (*Corrente do Kashtchey*, p.138) (Frolova, 2012).

A terceira direção em que se desenvolve a atenção do parentesco é o campo da poética: princípios artísticos que determinam as qualidades da pintura do ambiente natural. A ideia poética parece a Prishvin uma das condições-chave para a participação ativa na vida.

É necessário ver singularidade em criaturas grandes e pequenas, em animais, em plantas e até mesmo em paisagens "inanimadas" e fenômenos climáticos. Unir sua "aspiração à psicologia", que "é o poder de restaurar o parentesco perdido através da criatividade pessoal" (Prishvin, 2004, p. 50)

Mais tarde, Prishvin explica: "Meu truque é fazer não só a pessoa central agir, mas também personificar toda a situação, de modo que cada coisa parece ser seu rosto e se torna também um herói. Assim, a floresta, o pinheiro, e o abeto se tornariam vivos" (*Olhos da terra*) (Prishvin, 1983, v.7, p. 277). "Eu não utilizava nem escolas nem métodos, eu posicionava minha vida pessoal contígua à vida de todo o mundo e anotava esta vivência em comum como um viajante: vê algo novo, se admira e anota" (Prishvin, 1983, v. 8, p. 454). Prishvin entende a natureza como uma poderosa matéria da existência, digna de ser representada em suas infinitas propriedades e qualidades, matéria, com a qual uma pessoa está eternamente conectada pelos

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

laços mais fortes de "sangue". Imagens "natural-filosóficas" levam ao fato de que a natureza ocupa uma quantidade perceptível de descrição, tem motivos de "destino", possui características de um retrato - tudo isso permite que se incorpore a integridade e o volume da própria existência da natureza.

A atenção ao parentesco e a qualidade pitoresca do fato dão "um novo ponto de vista sobre o mundo circundante", que será revelado na forma "fabulosa" (linda) e ao mesmo tempo "mais confiável" [Prishvin, 2006, p. 193].

Tudo o que está ligado à vida da natureza - germinação, desenvolvimento, floração, frutos - o ciclo da vida - tudo isso é a possibilidade e a realidade da manifestação da beleza. Apelo ao visível, às formas tangíveis do mundo vivo e inanimado "objetivo" é também a realização da ideia de um relacionamento de parentesco ao ambiente natural da vida. No plano elevado, esta é a obviedade da expressão da ideia da unidade do mundo e da existência de todas as coisas: "Encontrei minha coisa favorita: buscar e descobrir na natureza os belos aspectos da alma humana" [Prishvin, 1983, v. 7, p. 247].

A tarefa do artista é retratar boas ações, os resultados da simpatia pelo mundo. O autor reflete sobre a relação entre estética e ética em 1935: "Se uma pessoa é amada e atua por amor, então, provavelmente, será linda, e haverá uma vida linda, e a beleza estará viva" (Prishvin, 2009, p. 642).

Assim, publicados em 1991-2010 na íntegra, os *Diários* de Prishvin mostram que o conceito de atenção ao parentesco é um processo de reflexões complexas do autor sobre o mundo. O escritor desenvolveu uma atenção multifacetada de parentesco: em relação à natureza e ao homem. Prishvin traduziu a compreensão da proximidade "sanguínea" de todos os seres vivos na Terra no campo da arte, transformando o conceito filosófico natural em um estético, que em grande parte determinou sob sua caneta a natureza e as qualidades da pintura do ambiente natural.

Mitologia

Quando se faz um resumo das falas dos grandes naturalistas, percebem-se algumas poucas palavras: amabilidade⁸, amor⁹, cuidado parental¹⁰, afiliação¹¹. O estudo etimológico dessas palavras permite ver um único e mesmo sentido nestas palavras, aparentemente diversas entre si (Fig. 1), no momento em que se ultrapassa a língua latina e se alcança os fragmentos da ancestral linguagem falada pelos nômades, provenientes da estepe Pôntica, que se fragmentaram em dois fluxos migratórios, uns se espalharam pela Europa e outros descenderam pela Pérsia, a caminho da Índia, definida como língua protoindo-europeia (PIE). Essa linguagem e sua cultura se enraizaram e se enxertaram nas línguas e hábitos dos povos por eles assimilados, a uns 5.000 anos atrás, quando iniciaram a sua migração (Haak, Lazaridis, Patterson, et al., 2015).

⁸A palavra AMABILIDADE vem do latim *amabilitas* e significa "qualidade de poder inspirar ou merecer amor". Seus componentes léxicos são *amor* (amor), *-able* (que pode) mais o sufixo *-tat* (qualidade). Disponível em www.deChile.net© 2001-2020.

⁹A palavra AMOR vem do latim *amor*. Dá origem também às palavras amoroso, enamorado, amigo, inimigo, amante, etc. A palavra latina se relaciona com uma raiz indoeuropeia **amma* (voz infantil para chamar a mãe) presente também no verbo latim *amare* (amar, dar carícias de mãe). Da raiz *amare* mais o sufixo *-or* (efeito ou resultado como em calor, dor, fervor, etc.) temos o substantivo de resultado *amor*. Disponível em www.deChile.net© 2001-2020.

¹⁰A palavra PARENTESCO (qualidade de parente) está formada a partir da palavra parente e o sufixo *-esco* que indica relação ou pertencimento. A palavra parente vem do latim *parens* (pai ou mãe), seu genitivo é *parentis*. A palavra latina vem do verbo *parere* (parir, engendrar) e esta por sua vez da raiz indoeuropeia **per(a)* (produzir). Disponível em www.deChile.net© 2001-2020.

¹¹O verbo AFILIAR vem do latim vulgar *affiliare* (incorporar como filho, adotar) composto pelo prefixo *ad-* (até), que muda para *af-* por assimilação, como em afeto. A palavra *filius* (filho) se relaciona com a raiz indoeuropeia **dhe(i)* (mamar, amamentar) e a terminação *-are* é usada para referir-se a verbos, como em fundamentar, lamentar, etc. Disponível em www.deChile.net© 2001-2020.

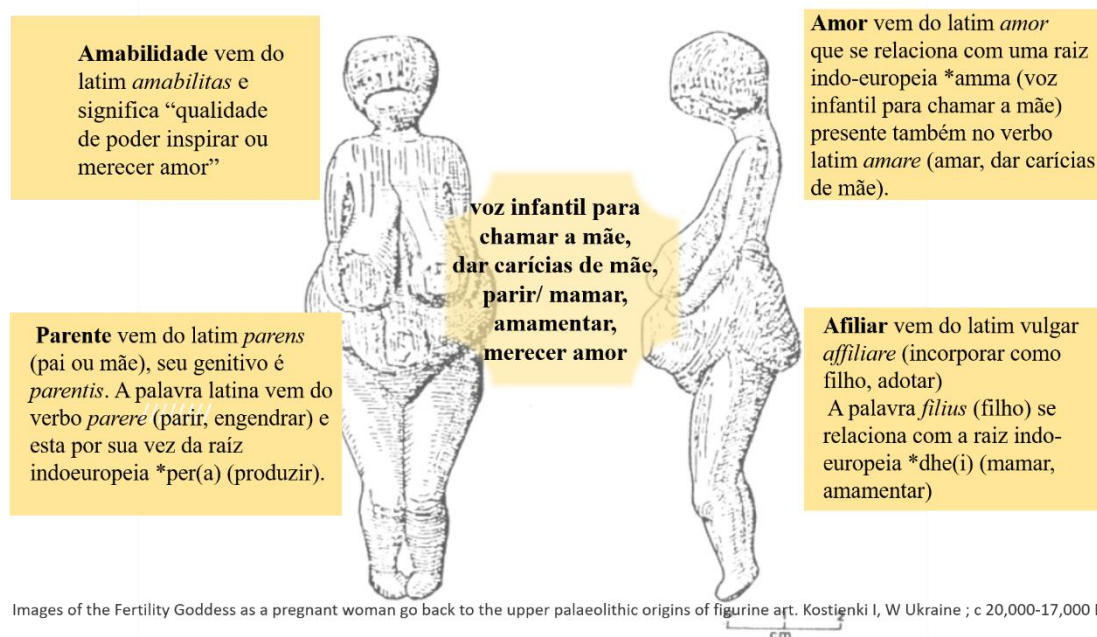


Figura 1: Definição etimológica das palavras Amabilidade, Amor, Parente e Afiliar até o nível PIE. Sobre imagem de Deusa Terra no seu aspecto de Fertilidade, circa séc. 20.000 a 17.000 a.C., paleolítico superior, Ucrânia.

Estes fragmentos linguísticos revelam: “voz infantil para chamar a mãe”, “dar carícias de mãe”, “parir/ mamar”, “amamentar”, “merecer amor”. Todos os significados gravitam ao redor do significado de “Mãe”.

Contudo, mesmo assumindo essa nova cultura, permaneceram fragmentos das religiões ancestrais. Isso é especialmente observado na abrangência talvez planetária do culto à Mãe Terra. A arqueologia fornece evidências do culto generalizado da Mãe na Idade da Pedra. No vasto espaço dos Pirineus à Sibéria; na Índia pré-ariana, na Palestina pré-Israel, na Fenícia, em Suméria, até hoje são encontradas figuras femininas esculpidas em pedra ou osso. Essas estatuetas são chamadas de “Vênus” paleolíticas. Elas têm características comuns: grandes seios, quadris, abdômen. A cabeça e os braços não estão expressos ou ausentes.

A Deusa-Mãe não tem um cônjuge igual, ela pode gerá-lo, levá-lo como marido e depois destruir (Gaia e Urano, Eurinome e Ofion, da Grécia antiga). Outra opção é que ela engula o filho e engravide dele (Nut egípcia).

A imagem da Mãe Terra remonta aos tempos antigos, pelo menos anterior à era protoindo-europeia. Isso é evidenciado por inúmeros paralelos a este personagem nas mitologias dos povos indo-europeus com análogos linguísticos: Gaia ou Gea¹², mãe de Zeus, Demeter em grego, Anahita em iraniano, Zhemina na Lituânia (GIMBUTAS, 1987).

Jörð ou Jord (Terra), da mitologia escandinava, mãe de Thor (de Vries, 1977). Ou Nerto, deusa da fertilidade dos antigos germânicos, descritos pelo senador romano Tácito¹³ (c. 98), de forma um tanto esnobe: “Nada notável em cada um, senão que em comum cultuam Nerto, isto é, a Mãe Terra, e julgam que ela intervém nos assuntos dos homens e viaja por entre os povos”.

Mat’ Zemlya (Matka Ziemia, Matushka Zeml’ja) ou Mat’ Syra Zemlya (Terra-Mãe Úmida) é a deusa mais antiga da mitologia eslava (Gimbutas, 1987). A Terra era considerada a mãe de todos os seres vivos e

¹² *gē- terra. Esta raiz é considerada pré-indoeuropeia, pois se encontra em Mesopotâmia, em idiomas falados antes da chegada dos indoeuropeus, como por ex. no copto, (idioma dos egípcios). In: <http://etimologias.dechile.net/?geologi.a>

¹³ Públio Cornélio Tácito, em sua obra *De origine et situ Germanorum*.

plantas, o centro da fertilidade.

No folclore russo, a expressão "Mãe Terra Úmida" significa principalmente a terra, fertilizada pela umidade celestial e pronta para dar à luz (Belova et al., 1999).

Gimbutas (1987) conta que essa deusa do Paleolítico Superior é essencialmente tri-funcional: Doadora da Vida, Portadora da Morte e Regeneradora. "O simbolismo Europeu Antigo é lunar e ctônico, construído em torno da compreensão de que a vida na Terra está em transformação eterna, em constante e rítmica alteração entre criação e destruição, entre nascimento e morte". Explica, de forma poética:

As cavernas, fendas e grutas da terra são manifestações naturais do útero primordial da Mãe. Esta ideia não é neolítica em origem; remonta ao Paleolítico, quando as passagens estreitas, áreas em forma oval, fissuras e pequenas cavidades de cavernas são marcadas ou pintadas inteiramente em vermelho (Leroi-Gourhan 1967 : 174).

O que descrevemos até agora é o aspecto de fertilidade da Mãe Terra pré-histórica - seu ventre grávido, seu útero milagroso emitindo energia vital e recebendo-a de volta à morte.

Na verdade, ela é a fertilidade da terra encarnada: úmida, misteriosa, forte. Ela é pura e imaculada, criando vida a partir de si mesma, de seu útero úmido. Ela continuamente realiza o milagre da transformação mágica. Tudo nascido da terra está repleto de força vital. Flores, árvores, pedras, colina, humanos e animais nascem da terra, e todos possuem sua força. Bosques sagrados, prados, rios, árvores frondosas, e árvores nodosas e contorcidas crescendo juntas a partir de vários tocos são particularmente carregadas com o mistério da vida. A Mãe Terra cria uma cobertura para a terra que é exuberante, florescente e encantada (Gimbutas, 1987, p. 23).

O fenômeno se repete nos povos não atingidos pela onda migratória PIE. A deusa da fertilidade Umay, como uma divindade feminina universal dos povos mongóis e turquicos, atua como a senhora das montanhas, a padroeira dos caçadores, dos animais selvagens, das crianças e da maternidade (Kotov, 2010; Jernosenko 2016).

Na China taoísta é conhecida como Hòutǔ, Rainha da Terra (Yang, 2005) enquanto na Índia, Prithvi (a Grande) é a denominação de Terra e da deusa, sendo Prithvi Mata a Mãe-Terra do Hinduísmo e de alguns ramos do Budismo (Leeming & Fee, 2016).

Nos Andes, Pachamama, Mama Pacha ou Mãe-Terra, nome próprio da deidade máxima dos indígenas peruanos, bolivianos e do nordeste argentino, e que vem do quíchua (idioma dos Incas) e também aimara *pacha* = "terra, mundo, universo, tempo, lugar" e *mama* = mãe (DECEL, 2021). Pachamama, é a origem da terra e da agricultura, é uma realidade temporal que se organiza (Bernard, 2019). Procurando "ver os riscos civilizatórios de uma sociedade insensível ao meio ambiente", Brito (2021) pensa "em uma sociedade sadia, possível, e complexa, a partir de uma cosmovisão não ocidentalizada e indígena, (entendendo) a vida como delicada teia construída pelo tempo":

Mãe Terra, a representação da divindade em forma feminina, a fecundidade, a criação, os braços maternos que embalam a vida. Mais, muito além de um debate de gênero, também, mas uma cosmovisão do cuidado, que nasce das raízes das florestas e das montanhas que se espalham nos Andes. Originária da língua quéchua, oficial na Bolívia, Peru e Equador, falada e viva por milhões de pessoas, Pachamama é deidade acolhedora da natureza, incorporada nas constituições do Equador e Bolívia como meio ambiente sujeito de direito, rompendo a lógica da construção jurídica do pensamento ocidental (Brito, 2021).

Os direitos da Natureza, não mera mercadoria humanizada, mas um novo sistema jurídico com o fim da ditadura da epistemologia ocidental, um alcance mais amplo, nova concepção para a humanidade, o esgotamento moral e físico de uma racionalidade curta no tempo e na generosidade. Declara a Constituição Equatoriana de 2008 em seu art. 10, "*Las personas, comunidades, pueblos, nacionalidades y colectivos son titulares y gozarán de los derechos garantizados en la Constitución y en los instrumentos*

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

internacionales. La naturaleza será sujeto de aquellos derechos que le reconozca la Constitución.” (Ecuador, 2008). (Brito, 2021).

Os povos tupi-guarani desenvolveram sua cultura e seu conhecimento sapiencial:

“Naquele tempo, nem antigo e nem passado, porque nem tempo havia, já existia Nhamandú. Sua presença é como se uma música infinita desde sempre ecoasse em um ritmo cadenciado, vibrando a luz da vida. [...] Nhamandú inspira e quando sopra seu hálito, a existência simplesmente acontece” (Jecupe, 2024, p. 5).

Uma vez NHAMANDÚ inspirou e, quando soprou, nasceu KUARAY, de dentro dele mesmo, pleno de brilhantíssima luminosidade. Por sua vez, KUARAY, de si mesmo, no seu coração, faz surgir TUPÃ, que se põe a dançar e cantar na imensidão de Nhamandú e criando mundos através de seus cantos sagrados. TUPÃ criou a Mãe Terra, e também muitas outras mães estelares, através de um cantar, na pausa de uma respiração relampejante. Após isso, o espírito da Mãe Terra flutuou na imensidão como uma fumaça [...] se encolhendo, se tornando oval, depois foi aos poucos se arredondando e ali ficou, em um giro dançante, [...] brilhava irradiante! Adormeceu. Sonhava. Foi assim, sonhando-se, que a Mãe Terra transformou-se em uma imensa tartaruga estelar. Então Tupã olhou e desenhou em seu corpo as primeiras entidades: montanhas, rios, lagos, nascentes, florestas, desertos e planícies. Depois disso, Tupã precisava de alguém para continuar o trabalho da criação. Foi assim que Ele sonhou em criar o primeiro ser humano, que na antiga língua dos nossos antepassados foi chamado de NHANDERUVUÇU; mas ele era diferente dos homens de hoje. Ele era como se fosse feito de vento luminoso, algo assim como um vento que dá pra pegar. Ah, e tinha asas, iguais aquelas dos pássaros, que ainda não existiam. Como ele era muito leve, vivia mais no ar. Então ele foi dizer á Tupã que não conseguia viver sobre a Terra. O Criador pensou e sugeriu que ele percorresse os quatro cantos do mundo e fosse atrás das entidades, que elas lhes ensinariam (Jecupe, 2024, p. 5-6).

Assim, Nhandervuçu viveu dentro de uma pedra, depois numa palmeira, numa onça. Mais para frente, encontrou uma serpente, que era o espírito da Terra. Ela lhe fez um molde de barro e olhos de pequenos cristais da terra.

“- Junto com este corpo que te dei há também meus dons e minhas marcas. Os traços da terra, da água, do fogo e dos ventos. – disse o espírito da Terra. - E o que faço com estes dons? - São preciosos! Com estes dons você me ajudará na criação. Com eles dentro de você podes criar o que quiser – disse a serpente espírito. - De que jeito? - Estes dons fazem você sentir, sonhar, inspirar... - Ah!!! - Mas além disso, há os dons de Nhamandú, de Kuaray e de Tupã. Juntando todas estas qualidades, tudo o que você imaginar poderá se manifestar. - Como? – perguntou Nhandervuçu. - Através dos pensamentos e das palavras. Preste atenção no que dizes. Cuidado com a sua fala, pois tudo que disser, assim será.” (Jecupe, 2024, p. 8).

Vem à sua mente uma palavra: - Arara. Assim surge a primeira arara no mundo. E outros pensamentos vieram. Animais, aves, peixes, plantas... Um dia, volta para o espírito da Terra, querendo devolver o corpo. O espírito recusou e ensinou que quando cansasse do corpo, era só deixar ele numa cova. Nhandervuçu foi se banhar, viu sua imagem e disse: - CUNHATAÍ-PORÃ! E surgiu sua companheira e a primeira mulher. Cunhatay deu cor aos animais do rio, criando peixes coloridos, insetos lindos como joaninhas e borboletas. “Seria bom se tivesse mais gente neste mundo!” disse Cunhatay. Juntou inúmeras sementes de árvores, colocou numa cabaça e fez a primeira maraca. Essas sementes eram de quatro cores: vermelhas, amarelas, negras e brancas. Ela chacoalhou e cantou vários sons e as sementes viram crianças. Quatro povos se formaram e foram instruídos pelos pais, enquanto cresciam e foram povoando o mundo. Ao fim, Nhandervuçu se cansou e se transformou no sol, Kuaracy, para ficar perto das suas sementes gente. E Cunhatay se transformou em Jacy, a lua, acompanhando seu povo nas noites claras. Os fundamentos da filosofia ancestral tupi-guarani provêm de uma cultura milenar que se enraizou na

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

América do Sul e se irradiou pelo Brasil há cerca de 12 mil anos, desenvolvendo uma sabedoria espiritual tecida ao longo da sua evolução cultural. Esse sistema é denominado “kuaracy-korá” ao fazer uso de uma mandala de pedras, para descrever a “visão da espiritualidade genuína e ancestral que se liga diretamente à natureza e seus mistérios, que revela a missão mais profunda da Mãe Terra, do ser humano e do seu lugar neste tempo e espaço” (Jecupe, 2020, p.12). Nessa filosofia existem três mundos: o mundo da emanção da vida, o da modelação da vida e o da manifestação da vida. No mundo verdadeiro (emanção da vida) há uma luminosidade incomparável e inenarrável, sendo ela fonte de tudo que existe e que vivifica as mais diversas manifestações da vida. A ela é dado o nome de Kuaracy, significando o termo “kuara” a “emanção”, e o termo “cy” a mãe”. A “Emanção Mãe” ou “Fonte Única” que a tudo ilumina a partir de sua irradiação permanente. Posteriormente, passou também a designar o sol.

As mandalas eram denominadas de “kuaracy-korá”, desenhadas com pedras, em lugares específicos chamados de “tapejara¹⁴”, onde se realizavam ritos próprios. Korá significa “círculo”. O desenho dessa cosmovisão é composto de três círculos concêntricos¹⁵, “no centro uma cavidade ou uma pedra maior, e no entorno desta pedra quatro pedras medianas, pouco maiores que as do círculo trino e menor que a pedra do centro. Os três círculos significam os três mundos da existência segundo a sabedoria ancestral; a pedra central ou a cavidade, que é o lugar onde se acende o fogo cerimonial, representa a fonte imaterial ou útero divino da vida, e as quatro pedras intermediárias significam quatro direções: o nascente, o poente, o cruzreiro do sul e as três-marias” (Jecupe, 2020, p. 15).

Kaká Werá coloca que no passado “era difícil compreender o conceito indígena de ancestralidade, mas hoje em dia com o reconhecimento científico de que o ser humano passa por vários estágios evolutivos até chegar ao homem, talvez seja mais fácil reconhecer esse pensamento” (Jecupe, 1998, p.27). Mesmo nesses últimos cinco séculos os Guarani mantêm os seus valores sagrados, sustentando sua cosmovisão e fazendo do cotidiano de uma aldeia uma tradição sagrada (Jecupe, 2001, p. 103).

Porém os conceitos mais interessantes se encontram nas palestras e vídeos que Kaká Werá Jecupe¹⁶ tem ministrado incansavelmente, divulgando essa fonte sapiencial.

A ancestralidade começa com os elementos da Natureza: fogo, terra, água e ar. A relação entre humanos e animais é essencial, pois os seres humanos fazem parte de um todo, compartilhando a mesma origem e interdependência com a natureza e os outros seres vivos. Os animais possuem sabedoria e um papel sagrado no equilíbrio da vida. São professores e guias espirituais, reforçando o respeito pelo meio ambiente e pelo ciclo natural da vida, algo que está muito presente nos mitos, contos e ensinamentos indígenas. A cultura tupi-guarani vê o ser humano como um guardião da terra, e os animais como irmãos de jornada, que compartilham da mesma essência vital que anima todos os seres e cada um tem o seu papel. Existe uma interconexão profunda entre os seres humanos e os animais, uma noção de parentesco, nessa ancestralidade animal, como parte do entendimento da natureza e da espiritualidade Guarani. Essa ancestralidade não se limita apenas à linhagem humana, mas inclui também os animais, plantas, rios, montanhas e elementos da Terra. Essa cosmovisão rompe com a visão ocidental atual que se encontra apartada da natureza e dos

¹⁴ O sistema denominado “kuaracy-korá” funciona como uma espécie de acupuntura da terra, ou litopuntura (Jecupe, 2020, p. 12).

¹⁵ Arqueólogos encontraram no sul do Brasil, em Santa Catarina e no Paraná, duas ou três mandalas desse tipo, e ao estudarem, tiveram a suposição de que tal vez fosse uma espécie de “relógio solar”, onde dependendo de onde batia a sombra da pedra maior no centro do círculo, ter se-ia a menção do tempo. Existem estudos na Universidade Federal do Paraná que falam de uma arqueoastronomia tupi e que propõe a teoria de que estes achados arqueológicos possam ser a representação do “Céu”, ou da “Via Láctea”, pelo estudo de um dos fragmentos destas mandalas (Jecupe, 2020, p. 14).

¹⁶ Kaká Werá Jecupe (São Paulo, 1964), escritor, ambientalista e tradutor. É descendente do povo tapuia e acolhido pela comunidade guarani, com a qual desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Envolvido em processos educativos, atua na valorização, no registro e na difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas. Werá desenvolve um extenso trabalho de pesquisa sobre a história de formação do Brasil, narrada do ponto de vista de povos indígenas ameríndios anteriores à colonização. É um importante difusor da cultura, da história, das tradições indígenas e, em especial, do cuidado e do respeito desse povo pelo meio ambiente e por todos os seres que nele habitam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641362/kaka-wera>. Acesso em: 25 de outubro de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

outros seres vivos.

A sabedoria ancestral dos animais é um tema central. Eles não são vistos apenas como recursos ou objetos de consumo, mas como parte de uma rede viva e interconectada, na qual cada ser tem uma função específica e um espírito próprio. Essa visão está presente em histórias e mitos transmitidos oralmente nas tradições indígenas, onde muitas vezes os animais assumem papéis de protagonistas, heróis ou mestres, trazendo lições para os seres humanos (Jecupe 2007). Um dos temas centrais é a importância do "teko porã", que na cultura guarani significa "o bem viver" ou "viver em harmonia". Esse conceito está intrinsecamente ligado à sabedoria ancestral, à maneira como os indígenas se relacionam com os elementos da natureza, incluindo os animais, que são considerados espíritos com os quais é necessário manter uma relação de respeito e reciprocidade. Kaká Werá argumenta que o distanciamento das sociedades modernas dessa sabedoria ancestral contribui para os desequilíbrios ambientais e sociais que o mundo enfrenta (Jecupe, 2024).

A herança folclórica, mítica, de um povo é sempre de grande interesse para os cientistas, porque na arte folclórica oral, transmitida de geração em geração, “estão preservadas as características mais importantes da cosmovisão que determina as especificidades de consciência de um determinado povo”. Além disso, o “apelo às imagens folclóricas dá ao pesquisador a oportunidade de ver e entender os fundamentos de mais profundo valor não só da nacionalidade, mas também da cultura universal desde a sua formação até o presente período”. As relações humanas se refletem no folclore em uma variedade de tramas e imagens. É claro que as relações familiares também se refletem nas tramas de contos folclóricos, épicos, lendas, conspirações, etc. (Gritsai, 2013).

Desta maneira, é possível compreender a maneira subjetiva de ver e entender o mundo e como a pessoa busca respostas às questões filosóficas básicas. É evidente que a cultura e a ciência da época também influenciam grandemente o pensamento.

Cosmovisão

Alguns pesquisadores — incluindo Lovelock (1988) e Lynn Margulis (e Sagan, 1997), autores da hipótese Gaia — creditam a Vernadsky como o primeiro cientista a demonstrar muitas das importantes funções da biosfera da Terra, provando que a atmosfera moderna e a hidrosfera, ambas resultam de atividades passadas de organismos vivos. Outros, por exemplo, Mark e Dianna McMenamin (1994) — vão mais longe e citam Vernadsky como a fonte russa para a hipótese Gaia (LAPENIS, 2002).

Utilizando o termo biosfera, criado por Seuss (1875), Vernadsky (1926) desenvolveu uma visão holística da natureza, especificamente sobre a matéria viva, representada pela totalidade de todos os organismos. A matéria inerte, como as rochas ígneas, água juvenil ou produtos voláteis das erupções vulcânicas são propriedades da matéria inerte. A forma intermediária é a matéria bio-inerte, matéria inerte ativada pelos microrganismos, como o solo, o lodo e o sedimento marinho. Descreveu os fluxos de matéria e energia entre esses elementos e levou em consideração não apenas as atividades atuais, mas também as passadas, como a formação de carvão, gás natural e petróleo. Disse que “a humanidade está se transformando numa poderosa força geológica” (Vernadsky, 1944) e trabalhou os conceitos sob a compreensão de uma evolução direta.

Os ensinamentos sobre a noosfera de Vernadsky é sua principal contribuição para a filosofia e metodologia do século XXI. “E ante ela (a humanidade), ante seu pensamento e trabalho, há a questão da reestruturação da biosfera no interesse da humanidade de pensamento livre como um todo único. Este é um novo estado da biosfera, ao qual nós, sem perceber, estamos nos aproximando, é a "noosfera" (Vernadsky, 1944)

A inicial para a formação do conceito de noosfera foi a discussão no seminário filosófico de Henri Bergson

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

(Paris, 1922-1932), onde, além dos cursos dados pelo Vernadsky, houve contatos dele com cientistas franceses - o antropólogo e teólogo Pierre Teilhard de Chardin e o proeminente matemático e teólogo Édouard Le Roy. O termo noosfera foi criado pelo Le Roy, e os três pesquisadores continuaram evoluindo os conceitos baseados nas suas concepções científicas e observações pessoais, além das provações políticas e religiosas (ambos os teólogos se submeteram ao silêncio obsequioso).

O modelo evolutivo de Leroy e Teilhard de Chardin repete os princípios básicos do neoplatonismo. As ideias de Plotino¹⁷ foram percebidas por Leroy no espírito bergsoniano. A influência de Henri Bergson na criação da teoria da noosfera consistiu principalmente em sua posição sobre a evolução criativa: “O impulso da vida (l'élan vital) como inerente ao desejo do universo pela vida dá à consciência criativa a liberdade de desenvolvimento” (Bergson, 1907).

Vernadsky, por sua vez, argumentou que a humanidade no curso de seu desenvolvimento se transforma em uma nova poderosa “força geológica”, seu pensamento e trabalho transformando a face do planeta. Assim, para preservá-la, terá que assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento da biosfera, que está se transformando em uma noosfera, e isso exigirá dela uma certa organização social e uma nova ética, ecológica e ao mesmo tempo humanista.

Vernadsky escreveu sobre a “noosfera” como uma realidade que ocorreu, e como um futuro inevitável: a Biosfera passou várias vezes para um novo estado evolucionário... Estamos vivenciando isso até agora, nos últimos 10-20 mil anos, quando o ser humano, tendo desenvolvido um pensamento científico no ambiente social, cria uma nova força geológica na biosfera, antes não existente. A biosfera passou ou melhor, está passando para um novo estado evolutivo - a noosfera – e sendo processada pelo pensamento científico do ser humano social. (Vernadsky, 1944/1991)

A generalização do significado da noosfera de Vernadsky é aqui aplicável à sua consciência por pensadores notáveis do século XX: “O homem pela primeira vez realmente entendeu que ele é um residente do planeta e pode, deve pensar e agir em um novo aspecto, não apenas no aspecto de um indivíduo, família ou clã, estado ou suas uniões, mas também em uma escala planetária” (Vernadsky, 1977: 191).

Os processos de globalização do século XXI confirmaram a correção da ideia de que o poder da mente e da vontade do homem, formado na biosfera, atinge o nível de poder cósmico. Continuando essa ideia de Vernadsky, cientistas de nossos dias, já contando com as últimas pesquisas (em particular, médicas e biológicas), argumentam que o avanço na esfera da informação é apenas o início do movimento para reconhecer a essência do campo de informação da Terra e do espaço (LUKOV, 2014).

No entanto, é impossível não ver que a noosfera pode ser submetida a testes graves em condições em que as forças da humanidade são descontroladas e tão significativas que podem levar à sua autodestruição. Em suas tentativas de mudar o mundo e até mesmo a própria natureza humana (os conceitos de transumanismo, pós-homem, etc.), o homem se torna irreconhecível para si próprio (Lukov, 2014).

Zavarzin (2003) descreve a antípoda da noosfera como a cacosfera (do grago κακός — mau, ruim e σφαῖρα — esfera), o ambiente natural, tão alterado pela atividade humana, que distorce as conexões naturais e a capacidade limitada de recuperação. É a área da biosfera desarmonicamente alterada pelo homem.

A cacosfera é principalmente um fenômeno no ambiente natural. Influências antropogênicas levaram a uma violação do curso dos processos naturais na natureza, ao desaparecimento de milhares de espécies de organismos vivos, ao aparecimento de substâncias sintéticas no ambiente natural, ao surgimento de novos processos antes impossíveis. Tendo causado essas violações, o ser humano é agora forçado a eliminar constantemente as consequências nocivas e perigosas de suas próprias atividades, uma vez que o ambiente natural danificado pelo homem não pode fazer isso na íntegra (ou em princípio). Tal novo habitat criado pelo homem, existente em contradição com o curso natural dos processos naturais e hostil à natureza e ao homem, é a cacosfera

¹⁷ Enéadas (trad. Stephen Mackenna e B. Page) (<http://classics.mit.edu/Plotinus/enneads.html>) (em inglês)

(Zavarzin, 2003).

Ainda, segundo Zavarzin,

As regularidades do desenvolvimento da cacosfera constituem um campo separado do conhecimento - uma cacologia associada à abordagem sanitária-epidemiológica, se tomarmos o componente humano, e com a proteção da natureza do homem, dado que a natureza presta "serviços ecológicos", que designaram as funções de suporte à vida da biosfera. Privada dos "serviços ecológicos" da biosfera, a humanidade será forçada a viver como se estivesse em um enorme submarino com um sistema de suporte de vida autônomo - a personificação técnica da noosfera em miniatura. (Zavarzin, 2003).

Por outro lado, a cacosfera existe "nas mentes", faz parte da cultura do mundo moderno. Ao destruir o ambiente natural e substituí-lo por uma cacosfera, a humanidade mudou a si mesma. "Doenças da civilização", incluindo doenças cardiovasculares, doenças oncológicas e genéticas causadas pela permanência constante em um ambiente poluído, o uso de fármacos modernos, o consumo de alimentos de baixa qualidade, a obesidade e outras doenças também são componentes da cacosfera. A necessidade constante do urbanista moderno por estimulantes adicionais, a substituição da comunicação ao vivo pelo virtual, a substituição da arte por substitutos do *show business* também podem ser atribuídas à cacosfera, sendo um dos componentes das atividades da humanidade no planeta e seus resultados (Zavarzin, 2003).

Para ilustrar esse conceito de cacosfera, iremos nos valer do trabalho de Bar-On, Phillips & Milo, (2018) que levantaram a biomassa global distribuída por grupos taxonômicos (Fig. 2). O desequilíbrio ecológico atualmente é de tal magnitude, que o grupo taxonômico dos animais (incluindo humanos, animais domésticos e silvestres) corresponde a apenas 0,367% de todos os grupos. A contribuição de répteis e anfíbios foi considerada insignificante e nem foi computada. E o mais grave, realmente espantoso, é que a população humana é 6,66 vezes maior que a população de mamíferos e aves selvagens na natureza. E a população de rebanhos para consumo humano é 1,66 vezes maior que a população humana. Baseado nesses resultados, podemos supor que em breves décadas talvez não haja mais animais selvagens na natureza.

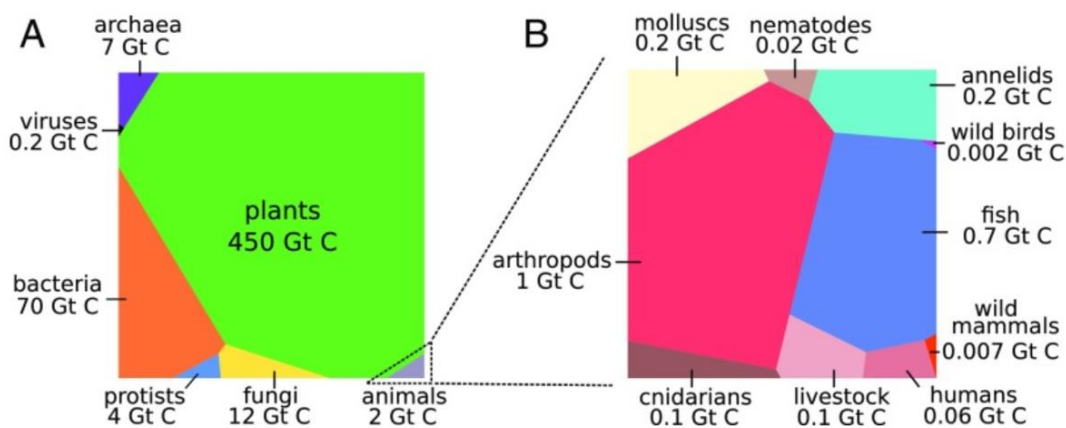


Figura 1: Distribuição dos diversos grupos taxonômicos segundo o trabalho de Bar-On, Phillips & Milo, (2018). [This open access article is distributed under [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License 4.0 \(CC BY-NC-ND\)](#)]¹⁸.

¹⁸ Graphical representation of the global biomass distribution by taxa. (A) Absolute biomasses of different taxa are represented using a Voronoi diagram, with the area of each cell being proportional to that taxa global biomass (the specific shape of each polygon carries no meaning). This type of visualization is similar to pie charts but has a much higher dynamic range (a comparison is shown in [SI Appendix, Fig. S4](#)). Values are based on the estimates presented in [Table 1](#) and detailed in the [SI Appendix](#). A visual

CONCLUSÃO

Aquilo que foi compreendido com a alma, na vivência com a natureza, com os animais, durante a infância, o olhar adulto reverbera hoje e afirma, sofremos de déficit agudo de Natureza! Deixamos de ser filhos da Terra. Exploramos e espezinhamos o ser que é nosso lar expandido.

É a infância o período que a criança aproveita para aprender se divertindo, transformando a leitura numa imensa aventura. Claro, na condição de ter pais e mestres que lhe apresentem a leitura como algo prazeroso, que a transporta para outros mundos e dimensões, facultando um conhecimento que será incorporado e servirá de baliza e aferição de rumos, na vida adulta. No hemisfério norte foram de grande efeito educativo. e sensibilizador de Bem-Estar Animal, as obras literárias citadas¹⁹. Lamenta-se a escassez de obras do gênero na América Latina.

A lembrança de obras literárias memoradas de forma espontânea provou ser um exercício interessante e válido, de rico resultado.

Em nossa opinião, são mais importantes na atenção parental de Prishvin: 1) a consequência da origem natural do homem, vindo da natureza; 2) dever ético, recomendação de comportamento da personalidade na sociedade, no mundo; 3) princípio estético que determina o caráter e a qualidade da descrição artística do ambiente natural.

Ele também apela para a ideia de devolver a unidade, perdida no curso da evolução, com o ambiente que lhe deu à luz. A natureza é uma vida poderosa na Terra, com a qual o homem está sempre ligado por laços ancestrais. A natureza é uma fonte inesgotável não só de nutrição, mas também de forças espirituais, um guia para os valores. Em observações dos habitantes das florestas, campos, rios, pântanos, nas histórias sobre seu comportamento e "destinos" o escritor revela o efeito curativo do ambiente natural sobre a alma humana.

Os autores citados entendem a natureza como uma poderosa matéria da existência, digna de imagens em suas infinitas propriedades e qualidades, matéria esta com a qual o homem está eternamente ligado pelos laços mais fortes de parentesco irrevogáveis.

A ancestralidade tupi-guarani é de suma importância e precisa ser divulgada e ensinada, visando a restauração do respeito pela Mãe-Terra.

Precisamos cuidar da Natureza, mãe Gaia, com cuidado familiar, vez que temos laços de sangue, pertencimento, pois somos filhos, paridos que fomos e chamamos com voz infantil a mãe, pedindo carícias maternas e amamentação, que precisamos fazer por merecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADAMSON, Joy, (1960) **Born Free**, New York: Pantheon Books.

ADAMSON, Joy, (1961a) **Elsa: The Story of a Lioness**, London: Collins & Harvill Press

ADAMSON, Joy, (1961b) **Living Free: The story of Elsa and her cubs**, London: Collins & Harvill Press

ADAMSON, Joy, (1962) **Forever Free: Elsa's Pride**, New York: Harcourt, Brace & World

depiction without components with very slow metabolic activity, such as plant stems and tree trunks, is shown in [SI Appendix, Fig. S1](#). (B) Absolute biomass of different animal taxa. Related groups such as vertebrates are located next to each other. We estimate that the contribution of reptiles and amphibians to the total animal biomass is negligible, as we discuss in the [SI Appendix](#). This open access article is distributed under [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License 4.0 \(CC BY-NC-ND\)](#).

¹⁹ Muitos destes livros podem ser encontrados em sebos ou baixados pela internet.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

- ADAMSON, Joy, (1970) **Pippa: The Cheetah and her Cubs**. New York: Harcourt, Brace & World.
- ADAMSON, Joy, (1969) **The Spotted Sphinx**, New York: Harcourt, Brace & World.
- BAR-ON, Y. M., PHILLIPS, R., & MILO, R. (2018). The biomass distribution on Earth. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 115 (25), 6506–6511. <https://doi.org/10.1073/pnas.1711842115>
- BARROS JR, Francisco de (1951) *Três Garotos em Férias no Rio Tietê*, Melhoramentos.
- BARROS JR, Francisco de (1963a) **Três Escoteiros em Férias no Rio Paraná**, 3ª edição, Melhoramentos,
- BARROS JR, Francisco de (1963b) **Três Escoteiros em Férias no Rio Paraguai**, 2ª edição, Melhoramentos.
- BARROS JR, Francisco de (1964) **Três Escoteiros em Férias no Rio Aquidauana**, Melhoramentos.
- BELOVA, O.V.; VINOGRADOVA, L.N.; TOPORKOV, A.L. (1999) [**Antiguidades eslavas**]. Dicionário etnolinguístico, em 5 vol, Instituto de estudos eslavos – Academia de Ciências Russa. Moscou: Relac, Int., v. 2. [ISBN 5-7133-0982-7](https://doi.org/10.1073/pnas.1711842115).
- BERGSON, Henri. **L'évolution créatrice** (1907). 86e édition. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1959, 372 p.
- BERNAND, Carmen. (2019) Don Juan de Santacruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, "sacerdote" del Cerro. **Runa**, vol. 40, núm. 1, pp. 5-19,. Universidad de Buenos Aires
- BIANKI, Vitaly Valentinovich (1928) [**Jornal da Floresta**], Detgiz, (9. ed. 1958).
- BORISSOVA, N.V. (2009) [**Prishvin: Diálogos com a época**. Dicionário cultural.] Yelets.
- BRITO, Antonio Guimarães. (2021) Pachamama e a teia da vida: entre a sociedade de risco, a ecologia profunda e a cosmovisão indígena. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 230, v. XXI, p. 178-188. ISSN 1519.6186
- CHAPLINA, Vera Vasilievna (1937) [**Meus protegidos**], M.: Detizdat.
- CHAPLINA, Vera Vasilievna (1947) [**Amigos de quatro patas**], M.: Detgiz.
- CHUKOVSKY, Korney Ivanovich (1925) [**Doctor Aybolit**], Detgiz.
- COOPER, James Fenimore (1823 a 1841) **Leatherstocking Tales**, 5 v.
- DECEL (2021) **Diccionario Etimológico Castellano en Línea**. Disponível em: <http://www.dechile.net/>. Acessado em 25/10/2021.
- DE VRIES, Jan (1962) **Altnordisches Etymologisches Worterbuch** (1977 ed.). Brill. [ISBN 978-90-04-05436-3](https://doi.org/10.1073/pnas.1711842115).
- DUPRÉ, Maria José (1949/2019) **O Cachorrinho Samba**, São Paulo : Àtica.
- DUPRÉ, Maria José (1950/2019) **O Cachorrinho Samba na Floresta**, São Paulo : Àtica.
- DUPRÉ, Maria José (1957/2019) **O Cachorrinho Samba na Bahia**, São Paulo : Àtica.
- DUPRÉ, Maria José (1962/2019) **O Cachorrinho Samba na Fazenda**, São Paulo : Àtica.
- DUPRÉ, Maria José (1963/2019) **O Cachorrinho Samba na Rússia**, São Paulo : Àtica.
- DUPRÉ, Maria José (1966/2019) **O Cachorrinho Samba Entre os Índios**, São Paulo : Àtica.
- ECUADOR. (2008) Constitución de la Republica del Ecuador de 2008. Disponível em: <http://www.oas.org/juridico/pdfs/mesicic4_ecu_const.pdf>. Acesso em 20. 09. 2020.
- GIMBUTAS, Marija (1987) The Earth Fertility of old Europe. In: **Dialogues d'histoire ancienne**, vol. 13., pp. 11-69; doi : <https://doi.org/10.3406/dha.1987.1750> Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1987_num_13_1_1750. Acessado em 25/10/2021.
- GRITSAI, L.A. (2013) Comparison of the mythological archetypes “mother” and “father” in the Russian and the Karelian folk traditions. **Jornal eletrónico científico-cultural «Fronteira do Conhecimento»**. Nº 6 (26). <www.grani.vspu.ru>
- HAAK, W., LAZARIDIS, I., PATTERSON, N. *et al.* (2015) Massive migration from the steppe was a source for Indo-European languages in Europe. **Nature**, 522, 207–211. <https://doi.org/10.1038/nature14317>

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

- JECUPE, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo : Peirópolis, 1998.
- JECUPE, Kaká Werá. **Tupã Tenondé**. A criação do Universo, da Terra e do Homem, segundo a tradição oral Guarani. São Paulo : Peirópolis, 2001.
- JECUPE, Kaká Werá. **Kuaracy Korá**. Itapeceira da Serra : Inst. Arapoty, 2020.
- JECUPE, Kaká Werá. **A voz do trovão**: mito da criação segundo a cultura guarani. Instituto Arapoty - Disponível em <<http://pindorama.art.br/file/MitoGuarani-VerCompl.pdf>> Acesso em 25/10/2024.
- JECUPE, Kaká Werá. **Tekoá**: Uma arte milenar indígena para o bem-viver, Rio de Janeiro : Bestseller, 2024.
- JERNOSENKO, I.A. (2016) [Características da Iconografia da Deusa Umai nos Centros Sagrados de Altai. **Boletim Pedagógico de Yaroslavl**, Nº 1].
- KATCHALOVA, Marina Pavlovna (2011) [Diários de M. M. Prishvin: o conceito de atenção parental]. [Jornal da Universidade Estatal de Leningrado A.S. Pushkin]. v.1, n 3, p. 53-62. Disponível em <https://cyberleninka.ru/article/n/dnevnik-m-m-prishvina-ponyatie-rodstvennogo-vnimaniya> Acessado em: 15.07.2020.
- KIPLING, Joseph Rudyard (1894) **The Jungle Book**. London : Macmillan. O Livro da Selva. Tradução de Monteiro Lobato.
- KIPLING, Joseph Rudyard. (1902) **Just So Stories** - For Little Children - Written and Illustrated by Rudyard Kipling. London : Macmillan.
- KOTOV, V. G. (2010) [Divindade feminina Umai/Humai: características comparativas (<http://izvestia.asu.ru/2010/4-2/hist/TheNewsOfASU-2010-4-2-hist-17.pdf>) // **Izvestia Altai State University** No. 4-2. - S. 111-114].
- LAPENIS, Andrei G. "Directed Evolution of the Biosphere: Biogeochemical Selection or Gaia?". In: The Professional Geographer, 2002; 54 (3):379–391
- LOGVINENKO, S.V. (2011) [Criação de M.M. Prishvin no processo histórico-literário da primeira metade do século XX]. In: [Problemas atuais de filologia, Barnaul : Universidade Federal do Altai]. Disponível em: <<https://dereksiz.org/aktualenie-problemi-filologii.html?page=24>>. Acessado em 25/10/2021
- LOBATO, Monteiro (1920 a 1947) **Sítio do Pica Pau Amarelo** (Série), 23 v. © Editora Globo.
- LOBATO, Monteiro. **A onda verde** (1922a). © Editora Globo, 2009.
- LOBATO, Monteiro. (1922b) **Homo sapiens** In: **A onda verde**. © Editora Globo, 2009.
- LOVELOCK, James E. (1988). **The ages of Gaia**: A biography of our living earth. New York: Norton.
- O'HARA, Mary (1941) **My Friend Flicka**, Philadelphia: J. B. Lippincott Company.
- LEEMING, David; FEE, Christopher (2016). **The Goddess**: Myths of the Great Mother. Reaktion Books. ISBN 978-1-78023-538-7.
- LUKOV, B.A. (2014) [Noosfera compreendida como um tesouro]. **Portal Informacional Humanitário “Conhecimento. Compreensão. Habilidade”**. Disponível em: <http://www.zpu-journal.ru/e-zpu/2014/2/Lukov_Noosphere-Thesaurus/>. Acessado em 25/10/21.
- MARGULIS, Lynn & SAGAN, Dorion (1997) **Microcosmos**: Four billion years of microbial evolution. London: University of California Press.
- MCMENAMIN, Mark A. S., & MCMENAMIN. Dianna L. S. (1994) **Hypersea**: Life on land. New York: Columbia University Press
- PETCHKO, L.P. (1962) [Prishvin, M.] [Pequena enciclopédia literária]. Moscou: Enciclopédia soviética, v.9, p. 23-25.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich, (1968) [A gralha falante]. In: [Campo Dourado.], M. : Detskaia Literatura.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2007) [**Primeiro diário**]. 1905–1913. – São Pet.: Rostok.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (1991) [**Diários**]. 1914–1917. – M.: Moskov. Rabotch.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (1994) [**Diários**]. 1918–1919. – M.: Moskov. Rabotch.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (1995) [**Diários**]. 1920–1922. – M.: Moskov. Rabotch.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (1999) [**Diários**]. 1923–1925. – M.: Rускаia Kniga.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2003) [**Diários**]. 1926–1927. – M.: Rускаia Kniga.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2004) [**Diários**]. 1928–1929. – M.: Rускаia Kniga.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2006) [**Diários**]. 1930–1931. – СПб.: Rostok.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2009) [**Diários**]. 1932–1935. – СПб.: Rostok.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich (2010) [**Diários**]. 1938–1939. – СПб.: Rostok.
- PRISHVIN, Mikhail Mikhailovich. (1983) [**Obra completa**]. 8 v. – M.: Khudoj. Lit.
- PROKHOROVA, A.M. (1969) [**Prishvin, Mikhail Mikhailovitch**. Moscou : Enciclopédia Soviética], 3.ed.
- SALTEN, Felix (1923) **Bambi**. Eine Lebensgeschichte aus dem Walde. Berlin: Ullstein Verlag
- SALTEN, Felix (1933) **Florian**. Das Pferd des Kaisers. Vienna : Paul Zsolnay Verlag
- SÉGUR, Sophie Rostopchine, Condessa de, (1860) **Les Mémoires d'un âne** (Memórias de um burro). Paris: Hachette.
- SETTON, Ernest Thompson, **Two Little Savages**, New York: Doubleday, 1903.
- SETTON, Ernest Thompson, **Old Silver Grizzly**, London: Hodder, ca. 1927.
- SEUSS, E (1875). **Die Entstehung Der Alpen**. https://archive.org/details/dieentstehungde00su_esgoog) (em alemão) 1 ed. Viena: Wilhelm Braumüller. 168 páginas
- SEWELL, Anna. **Black Beauty**. Jarrold & Sons, 1877. Beleza Negra. Tradução Monteiro Lobato, 1935.
- SKREBITSKIY, Georgiy Alekseevich, [**Inundação**. In: Bisavô da floresta]. M.—L. : Detgiz, 1956.
- THOREAU, Henry David. (1849) **Resistance to Civil Government** (Civil Disobedience). In: *Æsthetic Papers*; Edited by Elizabeth P. Peabody. Boston and New York: The Editor and G.P. Putnam.
- THOREAU, Henry David (1854) **Walden**. Boston: Ticknor and Fields.
- TOLSTOI, L.N. (1951) [**O que é a arte?**]. Obra completa. Edição especial. Moscou : Khudoj. Lit., v. 30.
- TROYEPOLSKY, Gavriil Nikolayevich (1971) [**Bim Branco da Orelha Preta**], Soyuz S. Pissateley.
- TWAIN, Mark (1884) **Adventures of Huckleberry Finn**. London/New York: Chatto & Windus/ Charles L. Webster And Company.
- TWAIN, Mark, Fishkin, Shelley Fisher (Ed.) (2009) **The Grateful Poodle** (1878). In: *Book of Animals*, University of California Press.
- VERNADSKY, Vladimir I. (1926/1998) **The Biosphere**. Translated from the Russian by D. B. Langmuir and edited by M. A. S. McMenamin and L. Margulis. New York: Nevrumont Publishing Company.
- VERNADSKY, Vladimir I. (1944) [Algumas palavras sobre a noosfera]. **Conquistas da atual biologia**. (1944 год, No. 18, v. 2, p. 113- 120). M.: Nauka, 1991.
- VERNADSKY, V. I. (1977) **Razmyshleniia naturalista** [Reflections of a Naturalist] in 2 books / The Academy of Sciences of the USSR. The Institute of the History of Natural Science and Technics. Archive. Moscow, Nauka Publ. *Book 2. Nauchnaia mys' kak planetnoe iavlenie* [Scientific Thought as a Planetary Phenomenon] / coll.: M. P. Bastrakova, V. P. Neapolitanskaia and N. V. Filippova; editorial board: B. M. Kedrov (Chairman) and others. 191 p. (In Russ.).
- WILSON, Edward O. (1984) **Biophilia**. Harvard University Press, 157 p.
- WOLFE, Linnie Marsh. (1979) **John of the Mountains**: The Unpublished Journals of John Muir. 1938, reprinted by University of Wisconsin Press, 1979). July 1890, page 313.
- YANG, Lihui, *et al.* (2005). *Handbook of Chinese Mythology*. New York: Oxford University Press. ISBN 978-0-19-533263-6
- YATSENKO, N.E. (1999) [**Dicionário explicativo de termos de ciências sociais**]. S. Petersburgo :

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Lan'. 528 p. ISBN 5-8114-0167-1

ZAVARZIN, G.A. (2003) [Antípoda da noosfera]. **Arauto da Academia de Ciências Russa**. v. 73. № 7. p. 627—636. Disponível em: <http://www.ras.ru/publishing/rasherald/rasherald_article_info.aspx?articleid=943b0eda-844a-4469-86ed-db5b6e09b41a>. Acessado em 25/10/21

SUGESTÕES DA PESQUISA DA EQUIPE EDITORIAL:

Para conhecer mais, ver também neste periódico:

- COLONIALIDADE DOS ANIMAIS NÃO-HUMANOS: PENSANDO A ANIMALIDADE A PARTIR DO SUL, de Rafael Van Erven Ludolf, Evelyn Pipas Morgado, Luiza Alves Chaves - Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 3, n. 2, 2020.
- O ANIMAL COMO SUJEITO DE DIREITO (1928), de Cesare Goretti - Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 4, n. 1, 2021.
- EL DERECHO Y EL ANIMAL (1914), de Alfredo Gonzalez Prada - Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 1, 2018.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 376-397, 2023.